



ENTRE O ALGORITMO E O AFETO: O FUTURO DA ACURÁCIA DIAGNÓSTICA E DA EMPATIA

Novaes, J. L.¹, Cansi, M. V. L.², Barbosa, I. N.³

¹ Docente Universidade São Carlos - UniFamesc, Bom Jesus do Itabapoana - RJ, Brasil (janinenovaes@hotmail.com)

^{2,3} Discentes Universidade São Carlos - UniFamesc, Bom Jesus do Itabapoana - RJ, Brasil

A medicina contemporânea vive um dos maiores paradoxos de sua história: a superação da capacidade humana pela Inteligência Artificial (IA) não apenas na acurácia técnica, mas também na percepção de acolhimento. Diante de um cenário em que a sobrecarga de trabalho esgota os profissionais, os algoritmos processam dados com precisão analítica e disponibilidade infinita. Avaliações recentes de raciocínio clínico complexo demonstram que modelos avançados obtiveram nota máxima em 97,5% dos casos, em contraste com o índice de 35% obtido pelos médicos especialistas. Na esfera relacional, o impacto é ainda mais provocativo: em interações virtuais, as respostas geradas pela máquina foram consideradas muito empáticas em 27,2% das vezes, frente a meros 2,6% das respostas elaboradas por humanos.

A reflexão no campo das ciências humanas e da bioética, no entanto, alerta para o fato de que essa "empatia digital" configura um profundo mimetismo de cuidado. A IA não sente compaixão; ela é programada para ser didática e dispõe de tempo ilimitado para gerar textos estruturados. O médico, por outro lado, entrega respostas breves em virtude da exaustão do sistema de saúde. O grande perigo contemporâneo reside na reação comportamental da classe profissional: a rejeição ostensiva da tecnologia por soberba intelectual ou, no extremo oposto, a sua utilização indiscriminada como muleta, o que levaria a uma perigosa involução cognitiva e analítica.

O futuro não aponta para a substituição mecânica, mas sim para a urgência de uma simbiose tecnológica. O modelo clínico ideal exige que o médico assuma seu papel de autoridade deliberativa, utilizando a IA para a dupla checagem de diagnósticos e delegando a ela o pesado fardo analítico. Ao libertar-se da burocracia digital, o profissional resgata o seu bem mais valioso: o tempo clínico. Apenas assim será possível restabelecer a escuta atenta, o contato físico e a empatia genuína, elementos ancorados na essência humana e absolutamente insubstituíveis por qualquer algoritmo.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Diagnóstico; Relações Médico-Paciente; Empatia.



Agradecimentos: À nossa gratidão a todos os profissionais e pacientes que inspiram a busca contínua por uma saúde mais ética, segura e humana.